

## A entrevista médica

### *The medical interview*

Ricardo Rocha Bastos<sup>1</sup> e Sérgio Henrique de Oliveira Botti<sup>2</sup>

As ciências humanas devem contribuir para a formação geral, crítica, reflexiva e ética de quaisquer profissionais. Como um profissional da saúde em formação ou já em exercício, pode incluir ferramentas que edifiquem uma prática humanizada e integralizada? O foco é o encontro com pessoa a ser cuidada. A conversa que acontece neste encontro, com objetivos profissionais, é a **entrevista, primeiro passo do método** clínico<sup>1</sup>, principal ferramenta do exercício profissional que permite recolher informações imprescindíveis sobre a história da **pessoa**, sobre o **agravo** e sobre o **caminho** percorrido por ela no sistema de saúde. Por meio dela, conseguimos todos os dados para a posterior redação da anamnese em momento oportuno. É a forma mais potente para compartilhar o cuidado baseado nas evidências científicas ajustadas à realidade da pessoa. Cria-se, assim, o espaço de atenção, de cuidado, de genuíno interesse, de respeito, de sinceridade, de altruísmo e de empatia. <sup>2</sup>

Um profissional de saúde não entra em palco num simples estalar de dedos. São necessários a **ambientação**, o autopreparo e o preparo do ambiente para o encontro clínico. Momento para deixar, em condições ótimas, suas vestimentas, sua identificação bem à vista, todo o material que será usado e o ambiente em si. Se possível, devemos prescindir da mesa no momento da entrevista. Ela representa uma divisória e predis põe ao afastamento entre os dois atores. Caso estejamos consultando um acamado, numa visita domiciliar, devemos nos assentar numa cadeira, como sinal de tempo disponível para a escuta.

A entrevista não deve ser um questionário, como os feitos em balcões de atendimento público. Ao entrevistarmos uma pessoa num primeiro encontro, precisamos conhecê-la inicialmente por meio da **identificação preliminar**. Em formato de interlocução, podemos perguntar apenas “qual o seu nome todo, por favor”, “quantos anos você tem”, “quando faz aniversário”, para saber o mês; “pode me dizer seu endereço completo, celular e e-mail”. Terminamos sempre com “sempre morou aí?”

A **primeira pergunta propiciatória** abre a entrevista. Melhor não usarmos os formatos “o que te trouxe aqui”, “o que você está sentindo” ou “em que posso ajudar”, pois podem produzir respostas

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: freeway@cursofreeway.com.br

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Medicina Geral da Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO.

desconcertantes, que só distanciam médico da pessoa, como “o carro do meu cunhado”, “vim de ônibus”, ou “estou sentindo muito calor”. Podemos construir a melhor pergunta para esse momento, de acordo com o contexto. Não existe uma questão-modelo, mas sugerimos “você, me procurou aqui hoje, por quê” ou outro formato que questione sempre o porquê daquela pessoa te procurar naquele momento. Numa visita domiciliar de acompanhamento após uma internação, uma boa opção é “quando isso tudo começou, você procurou o profissional de saúde pela primeira vez, por quê”.

O profissional ouve, então, a **fala livre** como resposta. Não interrompe rapidamente, mas usa de perguntas que permitam criar um elo entre as informações. Com objetividade, precisão e genuíno interesse, filtra o que é importante para conhecer o agravo e o caminho percorrido. Permite que o paciente conte a sua história, anotando os termos pertinentes às palavras da pessoa. Cada termo anotado é, depois, confrontado, no **questionamento dirigido**, buscando compreender cada significado real. É uma construção que se baseia na tradução da linguagem da pessoa para a linguagem da ciência.<sup>3</sup> Todos os termos anotados tomam forma científica, por meio de perguntas sobre a cronologia, a localização, a qualidade, a intensidade, as circunstâncias, os agravantes, os atenuantes e associados.

Há, entretanto, perguntas que o profissional precisa fazer para todas as pessoas, independente do contexto. É a pauta profissional, o **questionamento geral**, também em formato de conversação. Sugerimos alguns formatos, não como uma receita pronta, com perguntas sobre apetência (“você tem vontade de se alimentar”); peso (“seu peso está mantido”); digestão (“ao se alimentar, nota algum incômodo”); sono (“tem dormido bem”); funcionamento urinário (“ao urinar, notou algo diferente”); funcionamento intestinal (“seu intestino funciona todo dia”); menstruação, obviamente, apenas para as mulheres (“quando foi sua última menstruação”); tabagismo (“você fuma”), etilismo (“você faz uso de bebida alcoólica”), internações, cirurgias e tratamentos prolongados previamente; carteira de vacinação e intolerância medicamentosa (“você sabe de algum remédio que não pode tomar, porque lhe faz mal”).

Difícilmente alguém fala de sua vida pessoal, frente a perguntas estereis e extremamente formais do tipo “como anda sua vida pessoal”. Podemos construir formas mais adequadas de perguntar. Sugerimos “na sua casa, mora você mais quem” como uma forma efetiva de realizar a **segunda pergunta propiciatória**, demonstrando interesse e atenção à resposta subsequente, querendo realmente saber quem são e como se relacionam as pessoas do convívio próprio. Essa pergunta abre portas para uma relação mais próxima. Perguntamos também sobre todas as modalidades de terapias que a pessoa já fez para a questão atual, como medicamentos e fisioterapia. E oferecemos a **terceira pergunta propiciatória** como uma oportunidade para a pessoa, não o profissional, terminar a entrevista: “conversamos sobre muitas coisas. Há algo sobre o qual não falamos, que você queira me falar agora?” E, muitas vezes, logo após, perguntamos sobre a interpretação da pessoa: “e você, o que você acha que aconteceu com você”.

Com a entrevista bem-intencionada, buscamos aliar o conhecimento técnico às ciências humanas, compartilhando o cuidado, ação imprescindível para a boa prática em nosso tempo.

## REFERÊNCIAS

1. Bastos, RR. O Método Clínico. 1ª edição revista e ampliada. Juiz de Fora, MG: Edição do autor, 2014.
2. Coulehan JL, Block ML. The Medical Interview Mastering Skills for Clinical Practice. Fifth edition. Philadelphia. F. A. Davis Company, 2006.
3. Bastos, RR. Já pensou se fosse assim? 1ª edição. Juiz de Fora, MG: Edição do autor, 2020.